

Do cofre à nuvem: documentação histórica é preparada para pesquisadores e futuras exposições

Arquivo do Museu de História Julio de Castilhos guarda centenas de registros importantes para a história e a memória sul-rio-grandense dos séculos XVIII, XIX e XX.

19 de outubro de 2026

POR ANDRÉ SOUZA DOS SANTOS



Legenda: Documentação histórica é preservada dentro de cofre do Museu de História Julio de Castilhos.

Visto da calçada da rua Duque de Caxias, o movimento que mais chama atenção nos dois casarões que abrigam o Museu de História Julio de Castilhos é o dos trabalhadores

responsáveis por sua reforma e construção da nova reserva técnica. Contudo, apesar de invisível para quem observa de fora, há muito mais sendo feito atrás de suas fachadas.

Foi isso que descobri no meu primeiro dia na capital gaúcha e como historiador do Museu.

Ao entrar por sua porta, fui recebido pela coordenadora do Museu, Doris Couto, que logo passou a me apresentar seus espaços e corredores. Mobiliário do início do século passado protegido e coberto por lençóis, artefatos arqueológicos acondicionados em gavetas e peças de indumentárias sendo restauradas. Objetos musealizados apareciam um após o outro à medida que caminhávamos pelo antigo lar de Julio de Castilhos. Muitos destes artefatos da memória do Rio Grande do Sul são conhecidos daqueles que já visitaram o Museu de História, mas para mim, vendo-os ao vivo pela primeira vez, eram todos novidade.

Ao descermos por uma escada de madeira, Doris abriu uma porta da reserva técnica e me levou a um cofre de metal escuro. Robusto, mais alto que nós, tão largo quanto um armário e com mais de meia tonelada. Ao abri-lo, ela me revelou o tesouro guardado a pesadas travas. Não se trata de nenhum colar com joia preciosa, abotoadura de prata ou corrente de ouro. O seu valor é histórico. Ele está nas centenas de documentos e cartas mantidos por séculos e que são, em sua maioria, tão inéditos para mim, um recém-chegado, quanto para qualquer gaúcho.



Legenda: Cofre que guarda parte do acervo documental do Museu de História Julio de Castilhos.

Ali, a coordenadora do Museu me contou qual seria, afinal, minha missão no Museu de História Julio de Castilhos. Descobrir o que suas pastas guardavam e preparar o arquivo para pesquisadores e exposições.

O arquivo do Museu de História Julio de Castilhos conta com centenas de registros textuais dos séculos dezoito, dezenove e vinte. Sua criação começou na primeira década de 1900, com documentos como cartas pessoais do primeiro presidente do Rio Grande do Sul, comunicações oficiais do palácio do governo assinadas por Borges de Medeiros e ofícios militares produzidos durante os diferentes conflitos da história do estado. Com o passar das décadas e doações de instituições e famílias, somaram-se a eles outros diversos registros.

Diferentes gerações de profissionais cuidaram da sua documentação em fichas catalográficas, da higienização das folhas para conter sua deterioração contra fungos, por exemplo, e da proteção contra intempéries, como a umidade e a fotodegradação, ou seja, a corrosão do papel e da tinta causada pela luz.

Porém, apesar de sua abrangência, variedade e relevância para o estudo da história e da memória do estado, poucos destes documentos foram objeto de pesquisa após seu tombamento. Ao chegar ao Julio de Castilhos, descobri que o esforço para que eles sejam disponibilizados a pesquisadores e passem a compor os espaços expositivos do Museu é, na verdade, algo bem recente.

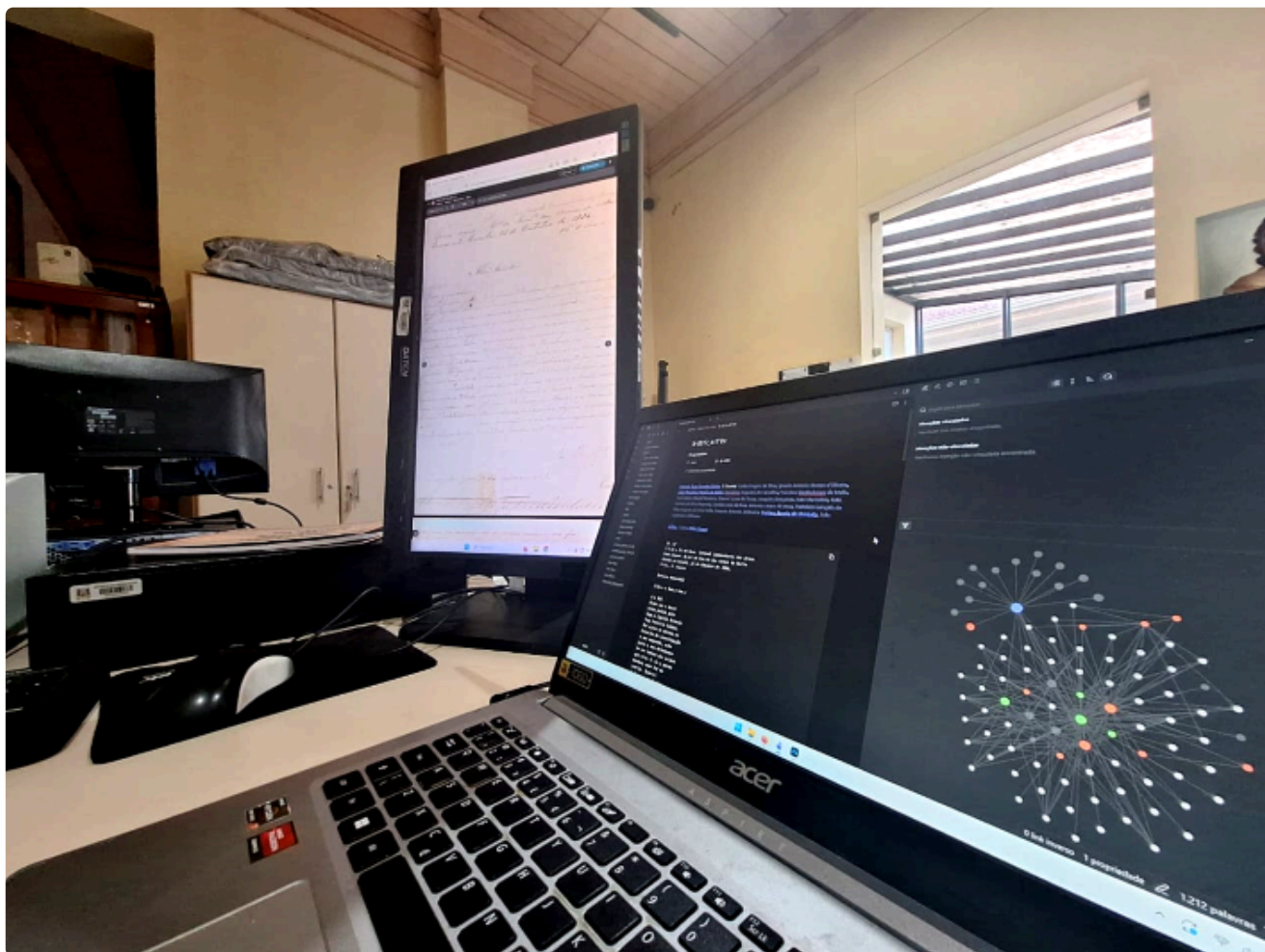
Atualmente, o trabalho de higienização de novos documentos incorporados é realizado por estagiárias do curso de Museologia sob supervisão da museóloga Doris. Antes de serem definitivamente acomodados e guardados na reserva técnica, os documentos são digitalizados. A principal responsável por este trabalho é a Angelita Santos da Silva, servidora técnica do Museu. Um a um, com dedicação e cuidado no seu manuseio, os documentos são escaneados para terem uma cópia digital salva.

O processo de escaneamento do acervo é importante para sua preservação, uma vez que permite a leitura dos documentos a qualquer pessoa sem a necessidade de manuseio físico — o que, mesmo com todo o cuidado, sempre envolve um risco de dano ao registro original.



Legenda: Scanner planetário em uso para digitalização do acervo do Museu. Em seu tapete sobre a mesa está um documento de "transmissão de escravos", um registro de transferência de propriedade sobre pessoa escravizada do século XIX.

É a partir daqui que começa meu trabalho como historiador do Museu de História Julio de Castilhos. Minha primeira missão é facilitar o acesso ao conteúdo dos documentos em si e, para isso, é necessário transcrevê-los. Enquanto documentos impressos ou datilografados são facilmente lidos por programas comuns de computador, as cartas escritas à mão são um desafio à parte: a caligrafia antiga é "ilegível" para ferramentas tradicionais de busca e exige um cuidado especial para ser decifrada.

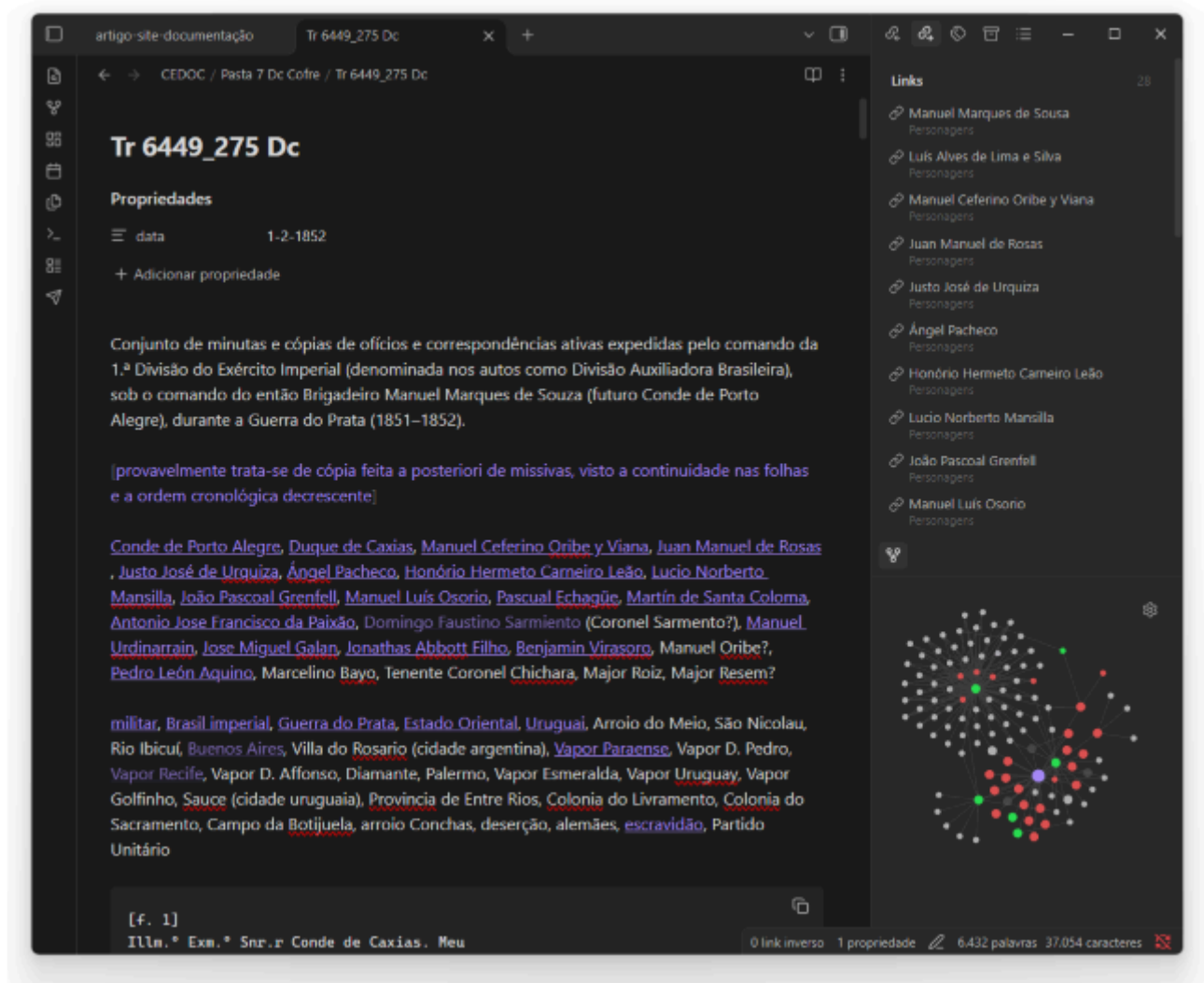


Legenda: Transcrição de manuscritos no Museu é feita a partir de suas duplicatas digitais e assistida por inteligência artificial.

Como são centenas de folhas para uma equipe enxuta — formada por mim, historiador, e pelo estagiário de História, Wellington França —, passei a estudar alternativas tecnológicas e percebi que o avanço recente das inteligências artificiais poderia ser um grande aliado em nossa tarefa paleográfica, isto é, na leitura de manuscritos antigos.

No Julio de Castilhos, nós utilizamos as IAs principalmente para gerar transcrições preliminares. Estas são, então, comparadas aos documentos originais — e corrigidas, quando necessário. Nesta leitura, também registramos o tipo de documento, seu período de produção, atores envolvidos e temas relacionados.

Com estes dados em mãos, incorporamos os documentos a um banco de dados que nos permite a construção e visualização de conexões numa grande rede de documentos relacionados. Esta rede vem permitindo identificar conjuntos temáticos e recortes possíveis para a organização da documentação que, até então, estava armazenada em pastas sem critérios arquivísticos bem definidos.



Legenda: Transcrição digital de manuscrito no programa *Obsidian*. Os documentos contêm *links* que criam uma teia de conexões entre atores, temas, locais e contextos históricos observáveis e navegáveis em gráficos interativos.

Nosso objetivo é disponibilizar os documentos digitalizados e as suas transcrições no Tainacan, plataforma de acervo digital do Museu ([acesse aqui](#)). Além disso, ainda estudamos a viabilidade de abrir o acesso à base de dados com a rede de conexões para o público no futuro.

Este e outros trabalhos realizados pela equipe do Museu seguem em andamento. Subindo do cofre pelas escadas, aos computadores e à nuvem digital, cada lote de documentos transcritos e conectados traz à tona novos personagens, eventos e redes de relações. Graças ao esforço acumulado em mais de cem anos por profissionais dedicados à conservação documental dentro do Museu de História Julio de Castilhos, o seu arquivo hoje toma uma nova forma. Antes encerrado num enorme cofre, o arquivo passa à leveza da nuvem de computadores.

Ao unir métodos tradicionais da paleografia e da arquivologia a ferramentas contemporâneas de inteligência artificial e visualização de dados, nós do Museu de História Julio de Castilhos reafirmamos o compromisso com a guarda e a preservação do patrimônio

histórico regional e nacional junto à democratização do conhecimento e ao incentivo a novas pesquisas.